



TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DA EMPREITADA DE “REMODELAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DE INFRAESTRUTURAS NO LARGO DE S. SALVADOR”

INTRODUÇÃO

No documento em apreço constam os resultados obtidos na sequência dos trabalhos arqueológicos efetuados de 2017 a 2019, durante o processo da empreitada de “Remodelação e Modernização de Infraestruturas no Largo de S. Salvador”. Uma vez que dos trabalhos executados adveio uma vertente arqueológica propriamente dita e outra na esfera antropológica, tendo a intervenção sido realizadas em conjunto pelas duas disciplinas, que apesar de distintas, se completam e complementam, o presente resumo foi dividido em dois capítulos diferentes que no entanto, se articulam entre si. Desta forma, inicialmente será reportado o domínio arqueológico e posteriormente toda a ação e estudo da parte antropológica, apresentados pelas duas técnicas que intervieram na obra designada.

CAPÍTULO 1 – RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Joana Garcia ¹

SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA

- Localização -

O presente resumo refere-se aos trabalhos arqueológicos efetuados em 2017, 2018 e 2019, no âmbito da empreitada de “Remodelação e Modernização de Infraestruturas no Largo de S. Salvador” (projeto que incluía igualmente parte da Rua do Cabido, da Rua Borges Carneiro, da Rua de S. Salvador e da Rua do Loureiro e ainda na íntegra o Beco das Condeixeiros).

¹ Técnica Superior de Arqueologia na Câmara Municipal de Coimbra (DGU - Divisão de Gestão Urbanística Centro)

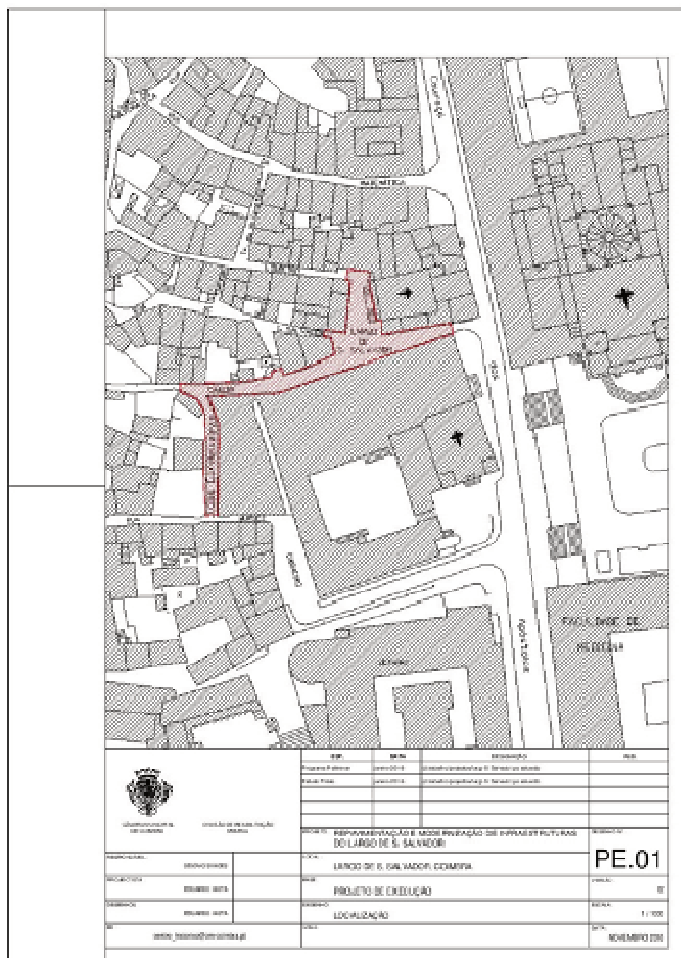


Figura 01 – Localização do espaço em estudo em cartografia 1/1000

O local da empreitada encontra-se inserido na União das Freguesias de Coimbra, concelho e distrito de Coimbra e a nível patrimonial salienta-se o seu enquadramento na Zona Especial de Proteção da UNIVERSIDADE DE COIMBRA – ALTA E SOFIA inscrito na Lista do Património Mundial no dia 22 de junho de 2013 (decisão 37COM8B.38 do Comité do Património Mundial), publicitada através do Aviso n.º 14917/2013, D.R. n.º 236, 2ª série, de 5 de dezembro e nos termos do previsto no n.º 7 do artigo 15º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro (LBP) como conjunto de Interesse Nacional (MN) o Conjunto da Universidade de Coimbra- Alta e Sofia, publicitado através do Anúncio n.º 175/2013, DR, 2ª Série, n.º 93 de 15 de maio.

No entanto, situa-se ainda na Zona Geral de Proteção ou Zona Especial de Proteção dos seguintes imóveis:

- Igreja de S. Salvador, Paço Episcopal (Antigo), Sé Nova, Portais da extinta Igreja Convento de Santa Ana e Portal de S. Tomás (Decreto de 16.06.19010 – DG, N.º 136 de 23 de junho de 1910).
- Igreja da Sé Velha (Portaria n.º 311/2004, DR 2.ª série n.º 92 de 14.05.2014).



- Enquadramento legal –

Os trabalhos arqueológicos enquadraram-se na categoria C, alínea c), do artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 164/2014 de 04 de novembro – Novo Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos, que preconiza ações preventivas e de minimização de impactes integradas em estudos, planos, projetos e obras com impacto sobre o território em meio rural, urbano e subaquático. Ressalva-se também o cumprimento da Lei 107/2001 de 8 de setembro.

Devido à sensibilidade do local (adro de uma igreja de origem medieval) considerou-se pertinente a realização de 3 sondagens de diagnóstico prévio, número alargado posteriormente para 5, com o objetivo de minimizar os impactes negativos e prevenir a afetação de vestígios arqueológicos ou patrimoniais que viessem a ser detetados. A localização das sondagens foi definida em área que não impedisse o normal funcionamento de circulação pedonal e de trânsito.

- Equipa técnica e duração dos trabalhos –

O trabalho foi realizado pela arqueóloga Joana Garcia e pela antropóloga Carmen Pereira, após a respetiva autorização, fazendo ainda parte da equipa os arqueólogos Ana Sofia Gervásio, Clara de Sousa, Raquel Santos e Sérgio Madeira. O desenho arqueológico e a topografia foram disponibilizados pela autarquia.

A 1.ª fase da intervenção arqueológica teve início no dia 05.06.2017 e ficou concluída a 26.06.2017. O alargamento das sondagens (sondagem 4 e 5) decorreu entre 10.10.2017 e 24.11.2017 (fase com períodos intercalados). O período de acompanhamento arqueológico teve início a 16 de julho de 2018, tendo ficado concluído a nível de trabalhos relacionados com a arqueologia em março de 2019.

- Contexto do património histórico-arqueológico -

O Largo de São Salvador, fica em frente à Igreja do mesmo nome, na lateral do Museu Machado de Castro. Este largo é o ponto de encontro da Rua do Loureiro, Rua de São Salvador e Rua do Cabido. O Largo de S. Salvador e a Rua de S. Salvador devem certamente a sua identificação ao monumento religioso existente no referido largo. Através da Rua de S. Salvador desce-se desde o Largo de S. Salvador até à Rua do Loureiro.



A Rua do Loureiro desenvolve-se no sentido Nascente para Poente, do Largo de S. Salvador até às ruas dos Coutinhos, Colégio Novo e Sobre Ribas. Ostenta esta denominação desde pelo menos o último quartel do século XV (Loureiro, 1964: 96). A designação auferida deve estar relacionada com um bacharel que ali vivia, cuja origem ou apelido seria Loureiro (Idem: 97).

O Beco das Condeixas segue de Sul para Norte da Rua Borges Carneiro à Rua do Cabido. Ainda no século XVII não possuía topónimo próprio, aparecendo em vários documentos como «[...] designada por azinhaga ou travessa que da Rua das Covas vai para o Salvador.» (Idem, 1960: 248-249). Apesar de ser uma artéria mais antiga, a sua denominação apenas terá surgido no século XIX.

A Rua do Cabido sobe desde o Largo da Sé Velha até ao Largo de S. Salvador. Inicialmente é assinalada por diversos circunlóquios (ex.: em 1502 «rua que vai da sé para Sam Salvador» ou em 1513 «na rua que vai por a porta do celeiro do cabido para Sam Salvador»), passando depois a ter o nome de Rua dos Açougues e só mais tarde o título de Rua do Cabido (Idem: 196). Nalguns documentos do século XVIII, a Rua do Cabido aparecia denominada por Rua dos Açougues. O açougue do bispo e do cabido parece ter ocupado a casa em que anteriormente funcionara o celeiro, e que teria fachada para aquela artéria (Idem: 196-197). No entanto, é já na centúria de setecentos, que surge o nome de Rua do Cabido em alguma documentação.

A Rua Borges Carneiro teve três topónimos distintos e foi mantendo ao longo dos tempos as suas características medievais. Desenvolve-se desde o Largo da Sé Velha à Rua de S. João. Desde pelo menos 1106 era conhecida por Rua das Covas, devendo esta identificação estar relacionada com a proximidade da Sé Velha e do enterramento nos adros das igrejas, que poderiam chegar até às imediações da dita artéria (Idem: 193). Outra opção será a de que o topónimo “Covas” seja oriundo, do aspeto do criptopórtico, que exteriormente apresentava várias aberturas, que fariam lembrar covas, palavra que na Alta Idade Média, derivando do castelhano *cuevas*, teria o sentido de grutas e/ou subterrâneos, como afirma Jorge de Alarcão, citado por Ricardo Silva (2015: 38).

Esta via aparece ainda em dois documentos diferentes com a referência de Rua dos Tigelos. Com o deferimento do pedido da Comissão Executiva da Associação Liberal de Coimbra, a antiga Rua



das Covas passa a designar-se a partir de 20 de abril de 1883, de Rua Borges Carneiro (Loureiro, 1964: 193).

Todas estas ruas se localizam em área inscrita no recinto interno do sistema defensivo da cidade em época medieval.

O testemunho mais antigo da zona alvo da intervenção trata-se de um conjunto de materiais pré-romanos recolhidos em trabalhos arqueológicos efetuados no Museu Nacional de Machado de Castro. Embora tenham surgido em contextos secundários, estes indícios de um período anterior ao romano, são bastante relevantes dada a sua escassez (Almeida, Silva e Vilaça, 2015: 40) na cidade de Coimbra. O elemento mais arcaico trata-se de um vaso globular de colo baixo enquadrável no Calcolítico e que poderá estar associado a um depósito de carácter intencional e de significado ritual e um fragmento de lâmina retocada em sílex, portanto que recuam ao III milénio a.C. Os restantes vestígios deverão ser situados maioritariamente no círculo temporal do I milénio a.C. (Idem: 42).

Nesta área, situava-se também o monumento romano mais relevante, que chegou até à atualidade, o criptopórtico. Inicialmente o primitivo fórum romano terá sido erguido no período de Augusto, tendo sofrido obras de remodelação/ampliação em meados do século I d. C., durante o reinado de Cláudio, passando a ser constituído por 2 níveis de galerias abobadadas, que hoje é ainda visível praticamente na íntegra, exceto a fachada poente que se desmoronou e alguns lanços de abóbadas restauradas no século XX. O novo fórum do período de Cláudio terá destruído o anterior augustano, tendo, no entanto, o seu criptopórtico sido integrado num outro muito mais vasto e complexo (Silva, 2015: 319). Esta transformação desenvolveu-se numa plataforma artificial sobre um monumental criptopórtico localizado no terreno declivoso que pende para oeste, nas imediações da Rua Borges Carneiro. O novo fórum estruturava-se em função de uma basílica com abside axial, no lado norte; a sul a natureza dos espaços é por enquanto desconhecida e entre os dois corpos, implantava-se a “imponente” praça pública porticada abrindo sobre a paisagem, com o Mondego ao fundo (Idem).



Os trabalhos arqueológicos realizados de 2008 a 2011 no âmbito da reestruturação do Museu Nacional de Machado de Castro, possibilitaram uma nova visão da zona poente do criptopórtico. Assim neste alçado ficou visível um fontanário, que seria abastecido por uma nascente que germinava no subsolo do criptopórtico. Nesta área o espaço é reorganizado, nomeadamente, é estabelecida uma nova remarcação de um dos principais eixos viários da cidade – o *decumanus maximus* (Silva, 2011: 79).

As estruturas identificadas no gaveto entre a Rua Borges Carneiro e o Beco das Condeixas é um muro intercalado por 4 bases de pilar e vestígios de uma possível insula.

É também neste gaveto que surgiu um troço da *cloaca maxima*, ao longo de quase 10m, onde desembocam dois pequenos ramais, um para norte e outro para sul. Todas as construções são abobadadas e assentam no substrato geológico de calcário dolomítico.

Com base, nas investigações de Ricardo Costeira e Pedro Carvalho (Idem: 79-99), é possível supor que a localização da *cloaca maxima*, seguiria o eixo de uma das principais artérias da cidade (*decumanus maximus*), via que estaria ladeada por um edifício com uma fachada porticada. No mesmo espaço subsistiram ainda estruturas de época anterior, com orientação diferente das anteriormente mencionadas, que seriam, provavelmente, um edifício do período augustano, que terá sido desmantelado apenas em meados do século I d. C. Dada a localização de pavimento em *opus signinum* e patamares escalonados, poderá supor-se tratar de um sítio ocupado por oficinas dedicadas a atividades artesanais ou industriais, talvez uma *fullonica*, estabelecimento dedicado à lavagem e branqueamentos de tecidos e roupa usada (Idem).

O fórum terá sido abandonado e progressivamente caindo em ruína por volta da segunda metade do século IV e os inícios do século VI (Silva, 2015: 323).

Nas proximidades do Largo de S. Salvador tem sido apontada a possível localização de um anfiteatro e/ou teatro romano com base na análise da morfologia urbana deste flanco da cidade (Mantas, 1992:508).

O atual Museu Nacional de Machado de Castro subjaz por cima do criptopórtico e abrange o antigo Paço Episcopal e a Igreja de São João de Almedina. Remonta ao século XII, a residência dos bispos de Coimbra neste local, período a que pertence a porta de duplo arco ultrapassado de



influência mudéjar, parte integrante de uma cerca. O edifício hoje visível foi fruto de várias remodelações, contudo ressaltam-se duas grandes reformas, uma da época de D. Jorge de Almeida, datada dos últimos anos da era quinhentista e outra, bastante mais marcada, do tempo de D. Afonso Castelo Branco, que se reporta à centúria seguinte. Desta última sobressai a porta principal do pátio (estilo maneirista) e uma varanda de duplo andar que se vislumbra em frente, cuja traça se atribui a Filipe Terzi (Departamento de Cultura, 2009: 490).

No sítio onde se ergue a Igreja de S. João de Almedina, terá existido um monumento pré-românico, como o atesta o claustro, hoje parcialmente reconstruído e que por razões estilísticas não se enquadra no templo românico (Silva, 2015: 325). Entre 1128 e 1131, o bispo D. Bernardo manda erguer um novo monumento religioso, que terá servido desde tempos medievais como capela episcopal, do qual se conservam os vestígios das paredes laterais, da fachada ocidental e as bases de 2 pilares colunados que sustentavam a abóbada. Na sua fase inicial teria uma posição diferente da atual, perpendicular à hoje existente. Com a nova orientação passa a permitir que a entrada no templo fosse feita a partir da rua, ao contrário do que até então sucedia. Esta terá sido reconstruída no período do bispo conde D. João de Melo (1650-1704) e apresenta uma nave ampla e frontaria flanqueada de torres. Possui elementos decorativos provenientes de outros monumentos, nomeadamente 2 portais, um oriundo do Colégio de S. Tomás (ver anexo II – foto 03) e outro do Convento de Santa Ana, o 1.º pertence ao século XVI e o 2.º ao século XVII (Idem).

Já no século XIX, um dos blocos do paço episcopal adquiriu um caráter neomanuelino, mediante uma reformulação levada a cabo pelo engenheiro Adolfo Loureiro. Contudo, o edifício episcopal foi sofrendo uma progressiva degradação, fazendo com que no final da centúria de oitocentos, o então bispo D. Manuel de Bastos Pina abandonasse o espaço. Só mais tarde, em 1912, o Paço Episcopal foi cedido à Câmara Municipal de Coimbra, que um ano depois abria ao público o Museu Machado de Castro. Em 2006, o local volta a ter profundas obras de requalificação e remodelação, um projeto realizado por Gonçalo Byrne e Nuno Marques (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70317>), voltando a reabrir no final de 2012.



Com a Revolução Industrial, que surgiu primeiramente na Inglaterra nas últimas décadas do século XVIII, alargando para outros países ao longo do século XIX, dá-se um crescimento das cidades com as populações vindas do “mundo” rural. Neste sentido, considerou-se urgente a melhoria da vida nas urbes através da implementação de novas infraestruturas e equipamentos, entre essas necessidades deu-se prioridade ao abastecimento de água ao domicílio e saneamento básico. Assim, não é de admirar que durante o período referido tenha existido um incremento da instalação dos respetivos sistemas. As primeiras cidades a nível europeu que beneficiaram da implementação destes sistemas, de modo sequencial ou simultâneo, foram Hamburgo (1843); Londres (1859) e Paris (1871). Em Portugal, à medida que o sistema de abastecimento de água foi assegurado, Lisboa (1880), Porto (1887) e Coimbra (1889), foram tomadas iniciativas relativamente à instalação do saneamento (Mendes, 2017: 3).

Na centúria de oitocentos, Coimbra também sofreu um desenvolvimento considerável, quer em termos demográficos, sociais, económicos, culturais, mas também a nível industrial.

Inicialmente, no contrato provisório (1879, com alterações em 1880) estabelecido entre a Câmara Municipal de Coimbra e o Doutor António Augusto da Costa Simões e o Eng.º James Easton (representante da firma britânica), apenas contemplava o abastecimento de água e apesar de terem existido algumas negociações no sentido de incluir a instalação do sistema de saneamento, esta última não foi subscrita. No entanto, existiam já reflexões de encontro à necessidade da canalização de esgotos na cidade de uma forma mais eficaz, desde pelo menos os inícios dos anos de 1870 (Idem: 5). Neste ponto, a cidade de Coimbra estava francamente atrasada e o seu estado era calamitoso, como referia num relatório Adolfo Loureiro, datado de 1872, citado por Mendes (2017: 6): «Sob o ponto de vista da limpeza e esgoto, é a cidade de Coimbra uma daquelas que indubitavelmente se acha, no nosso país, em mais extraordinário estado de atraso. Em parte dela, privada ainda de canos, os despejos das respetivas casas são feitos do modo mais incrível e repugnante, e lançados, mesmo de dia, nas margens do Mondego e arrabaldes da cidade».

Volvidos cerca de 2 meses da resolução do problema da água, em julho de 1889, a cidade de Coimbra toma conhecimento da aprovação do projeto dos esgotos pela Câmara dos Pares. A



notícia é recebida com festa. Assim, em finais de dezembro de 1889, foi aberto concurso para a execução das obras de esgoto e saneamento da cidade de Coimbra (Idem: 9).

O número de projetos apresentados é incerto, no entanto conhece-se um, bastante bem elaborado e muito minucioso, o Projecto d' esgoto e saneamento da cidade de Coimbra (18 de março de 1890), da autoria dos engenheiros José Cecílio da Costa, João da Costa Couraça e José António de Madureira Bessa.

Recorrendo à leitura de duas obras, dos autores do anterior projeto, é possível perceber que ao seu trabalho foi atribuído o segundo prémio. No entanto, foi este o plano que foi executado e no âmbito do qual alguns coletores foram construídos (Carvalho, 1964: 442). É também naqueles documentos que se sabe da existência de condutas instaladas nos inícios da década de 1870 (Mendes, 2017: 10).

Na sequência do concurso, a cidade coimbrã foi dotada na sua área principal de um sistema de infraestruturas de recolha de águas e esgotos. Vestígios dessa obra de grande envergadura são ainda visível por toda a zona mais antiga da cidade, alguns ainda pertencentes àquela época, outros já com remodelações, reestruturações e tantas alterações que se encontram descaraterizados. No entanto, a maioria pauta-se por uma estrutura comum, constituída por dois muros laterais de alvenaria, por norma em pedra calcária, encimado por grandes lajes (em calcário ou xisto), tendo por pavimento lajes em pedra, ou uma composição de seixos rolados ou estão assentes no próprio substrato de calcário dolomítico. Frequentemente, estas estruturas não são já funcionais porque se encontram entulhadas ou provocam muitas infiltrações para o subsolo, para além disso foram alvos de várias transformações. No entanto, não deixa de ser curioso verificar que estas estruturas, quando subsistem, algumas estão ainda em funcionamento.

Entre 1889 e 1904, dá-se um novo incremento da população e o desenvolvimento da atividade económica (setores secundário e terciário), desenvolvendo-se o espaço urbano para zonas consideradas até então periféricas, como Santo António dos Olivais e Santa Clara. Nesta altura, tanto o abastecimento de água como o de saneamento, tiveram de ser melhorados e reforçados, com o objetivo de dar resposta às novas necessidades (Idem: 13).



Foto 01 (s/ autor e s/ data) – Fachada principal Igreja de S. Salvador e vista parcial do largo (<https://www.pinterest.pt/pin/544794886157249143/>)

No lado Este do Largo de S. Salvador situa-se a frontaria de um importante monumento de cariz religiosa, a Igreja de S. Salvador. Esta é de origem medieval, mais propriamente da segunda metade do século XII e pertence ao segundo românico de Coimbra (www.igespar.pt). O referido templo terá vindo substituir outro mais antigo, cuja existência está comprovada pelo menos em 1064 (uma vez que a mesma se encontra referida num inventário de bens do mosteiro da Vacariça com aquela data (Mamede, 1990-1991: 23). Do monumento do século XII, atribuído ao mestre Roberto, podemos ainda antever, embora com algumas modificações, o plano, a porta principal, as colunas e os capitéis interiores de carácter vegetalista e zoomórfico (Idem: 24). O portal foi mandado erguer por Estêvão Martins corria o ano de 1179, segundo uma inscrição aí colocada. Este é ladeado por 2 pequenos óculos quadrilobados e encimado por uma cornija assente sobre cachorros. Na área superior da fachada existem 3 janelas, duas laterais e uma central, um pouco maior, sobre a qual se observa um nicho, culminado com uma cruz.

Atualmente, o interior é constituído por um corpo de 3 naves e 3 tramos, com um falso transepto e uma cabeceira tripartida, com capelas de planta quadrangular cobertas por abóbadas. No 1.º tramo está situado o coro alto. Os pilares possuíam seção circular e seção compósita na zona do transepto, sustentando uma cobertura de madeira. O retábulo principal é de cariz barroco com talha dourada e marmoreada e data de 1746. O altar da capela do lado direito tem o meu estilo. O retábulo da capela da esquerda é maneirista, esculpido por João de Ruão e é dedicado a S. Marcos.

Remontando à época manuelina, é a capela funerária efetuada na zona lateral do monumento, para os Túmulos de Afonso de Barros e de Guiomar de Sá. No entanto, a referida capela situa-se estilisticamente no gótico final, destacando-se a cobertura em abóbadas e nervuras.

Sofreu vários acrescentos e alterações, nomeadamente no século XVI (como confere o achado de umas tábuas decorativas de madeira [Diário As Beiras, 05.09.1999]), mas a reforma mais profunda ocorreu no século XVIII, sobressaindo os azulejos cromados azul e branco, historiados



(www.igespar.pt; Departamento de Cultura, 2008: 142-143; idem, 2009: 483). A igreja sofreu uma reforma com início em 1995, sob a tutela da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

- Sondagens arqueológicas de diagnóstico –

O processo de sondagens decorreu no Largo de S. Salvador, nas proximidades da igreja com a mesma designação e pautou pela localização de alguns elementos de relevância patrimonial.

A sondagem 1, possuía 2m (sentido Oeste-Este) x 2.50m (sentido Norte-Sul) e situava-se junto às escadas da Igreja de S. Salvador do lado esquerdo, anexada ao edifício religioso. Esta sondagem revelou a presença de 3 enterramentos *in situ*. Contudo, 2 dos enterramentos encontravam-se sob a parede da igreja e por isso, em acordo com a Direção Regional de Cultura do Centro, definiu-se que ficariam no mesmo local e a sondagem poderia ser selada com carácter de urgência. A sepultura 1 possuía um formato irregular, vulgarmente designado por “covacho”, onde se vislumbrou um enterramento de uma criança, na sepultura 2 foram identificados dois indivíduos de idade adulta.

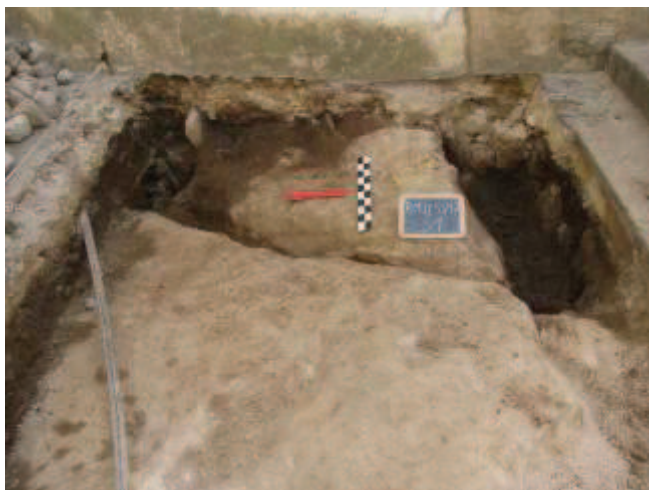


Foto 02 – Sondagem 1, localização dos 3 esqueletos



Foto 03 – Sondagem 1, esqueleto 1



A sondagem 2, de 2m (lado Este-Oeste) x1.5m (lado Norte-Sul), situava-se junto às escadas da Igreja de S. Salvador do lado direito, a cerca de 2m do templo. Nela apenas se identificou um bueiro relativamente recente, encontrando-se a camada geológica de natureza calcária a uma cota bastante superficial.

A sondagem 3, de 2mx2m, localizava-se no lado Sudoeste da Igreja de S. Salvador, na parte tardoz do Museu Nacional de Machado de Castro. Naquela sondagem foi posta em evidência uma estrutura (1) cuja natureza e cronologia não foi possível apurar, dada a reduzida área escavada e a diversa datação do espólio associado.

A sondagem 4, possuía 2.60m a Norte, 5.95m a Oeste, 1.50m a Sul e a Este, desenvolveu-se ao longo dos limites da escadaria da igreja, mesmo à frente das escadas que levam à Igreja de S. Salvador. Esta revelou-se infrutífera a nível arqueológico, tendo sido identificadas infraestruturas relativamente recentes, o coletor de alvenaria (parcialmente) e a camada geológica a um nível superficial. No decurso da abertura manual da sondagem não foram recolhidos ossos humanos passíveis de identificar a presença na área de enterramentos.

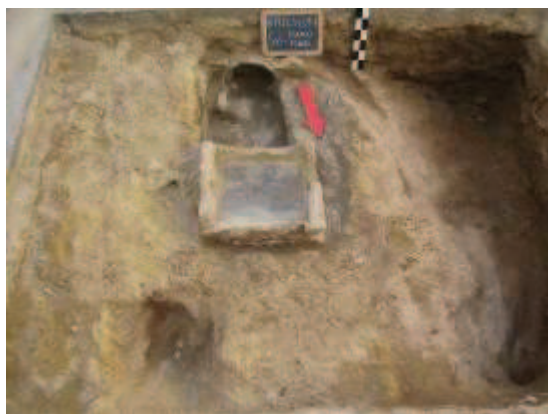


Foto 04 – Sondagem 2, plano final



Foto 05 – Sondagem 3, plano final

A sondagem 5, possuía inicialmente uma dimensão de 3m (Este-Oeste) x1m (Norte-Sul), tendo sido alargada duas vezes para verificação dos vestígios arqueológicos. Primeiramente foi ampliada 50cm para Sul e posteriormente 1.50m para Oeste. A sondagem ficou implantada junto à fachada lateral direita da Igreja de S. Salvador. Esta sondagem teve de ser alargada, dada a complexidade apresentada e pôs em evidência um ossário e um enterramento



depositados numa sepultura antropomórfica. Previamente à localização dos vestígios osteológicos foram descobertas várias infraestruturas. A sepultura antropomórfica fazia parte da necrópole situada nas imediações da Igreja de S. Salvador e terá sido escavada no afloramento de calcário dolomítico. No entanto, esta foi a única sepultura escavada no substrato geológico identificada nesta intervenção, os restantes enterramentos foram efetuados em sedimentos, por norma num contexto arqueológico de revolvimento. A estrutura fúnebre não estava totalmente inteira, pois encontrava-se fraturada na zona da cabeceira, talvez na sequência de instalação de infraestruturas, também não foi localizada qualquer pedra sepulcral. Ela foi completamente escavada na rocha e aparenta a Norte possuir um rebordo, o que pressupõe a existência de uma tampa, hoje desaparecida. A cabeceira situava-se a Poente, enquanto a parte inferior do corpo se situava a Nascente. A referida sepultura seria sub-retangular, com corte longitudinal e lateral retangular, por sua vez a cabeceira seria trapezoidal, mas com inclinação (Oeste-Este) (TENTE e LOURENÇO, 1998: 217 e 2002: 240). A cabeceira e o leito encontravam-se em planos díspares e os pés não foram destacados. Dimensões: comprimento máximo – 2.05m; largura máxima – 52cm; largura a meio – 50cm; comprimento cabeceira – 25cm; largura cabeceira – 22cm; cota mais profunda – 89.85m.



Foto 06 – Sondagem 5, onde são visíveis vestígios de infraestruturas várias



Foto 07 – Sondagem 5, plano final (sepultura antropomórfica)



Na sequência de todas as sondagens ficou perceptível que o espaço que rodeia a igreja foi já intervencionado diversas vezes para instalação de infraestruturas várias. Apesar do grande revolvimento do subsolo, originado sobretudo pela implantação de variadas infraestruturas de diferentes índoles e períodos, embora sempre num passado recente, ainda foi possível identificar vestígios da antiga necrópole existente na área e de uma estrutura cuja natureza e cronologia são desconhecidas. Assim, foi possível comprovar que o adro do templo religioso serviu em tempos para a sepulcro de vários indivíduos, no entanto, a realidade percebida nesta fase estará certamente bastante afastada dos factos originais. Apenas se identificaram 4 indivíduos, enterramentos esses efetuados nas imediações das paredes do monumento, dois deles inclusive prolongando-se para o interior da igreja, o que deixa em aberto se a configuração do espaço sagrado terá sido sempre a mesma.

Uma vez que, grande parte da zona em redor da Igreja de S. Salvador, tinha já sido bastante intervencionada, estando repleta de infraestruturas variadas, optou-se pelo posterior acompanhamento arqueológico, com todas as implicações que daí pudessem advir.

Ressalvou-se, no entanto, que durante a execução da empreitada, principalmente no âmbito de revolvimentos no subsolo, a identificação de algum material osteológico/enterramentos ou outros vestígios arqueológicos teria como consequência a interdição da área para escavação manual e exumação do material osteológico humano, tal como se procede em todas as obras, salvaguardando-se assim todo espólio existente.

- Acompanhamento arqueológico –

- Rua do Cabido –

A empreitada teve início no dia 16 de junho de 2018, no sentido ascendente, junto ao entroncamento com o Beco das Condeixas, surgindo imediatamente o antigo coletor unitário em alvenaria, vulgarmente designado por runa. A runa tinha uma orientação Oeste-Este e tinha já sido alvo de alterações recentes como o demonstra zonas com cimento e parte encontrava-se inclusive destruída, tendo sido substituída por canalização em grés ou mesmo PVC. No entanto, mantinha-se em funcionamento. Em termos genéricos, o antigo coletor, era bastante semelhante a outros já identificados por todo o centro histórico da cidade de Coimbra. Possuía dois



pequenos muros laterais paralelos em alvenaria calcária (embora pontualmente surgissem pedras de arenito e xisto) de várias dimensões, pedras interligadas por argamassa de tonalidade esbranquiçada, semi-compacta e de grão médio. São igualmente visíveis alguns fragmentos de cerâmica de construção. O coletor era encimado por lajes de xisto de média e grande proporção, colmatadas pelo mesmo tipo de argamassa. A base do coletor, nesta rua, pautava-se por seixo do rio aparentemente sem qualquer ligante, formando uma espécie de calçada. Contudo, mais para Este da Rua do Cabido, o pavimento da runa principal alterava-se, passando a usar o afloramento rochoso de calcário dolomítico. As dimensões da runa variavam.

Estes coletores principais têm associados coletores de ligações às edificações existentes na artéria (ramais), uns ainda em alvenaria e outros já em grés ou material mais recente. Assim, sensivelmente a Norte, entre a habitação com o número de polícia 39 e o 1 da Travessa do Cabido, surgiu um coletor de ligação, visível lateralmente, que estava entulhado, portanto desativado. Com a mesma situação geográfica, outro coletor de ligação apareceu na zona da Travessa de S. Salvador, onde aliás foi implantada uma caixa de visita, mantendo-se a runa daquela artéria secundária de modo unitário.

Já para o lado Sudeste surgiu um curioso ramal para o Museu Nacional Machado de Castro, que nitidamente foi construído recentemente, reutilizando materiais mais antigos, possivelmente de outro ramal primitivo aí existente. Neste caso, o ramal era constituído inicialmente por cimento (cerca de 1,5 m), depois foi usado o cimento com algumas pedras calcárias incorporadas e finalmente os últimos 3 m compunha-se por uma base ovalada de cimento, revestido numa primeira fase, por uma pequena abóbada de tijolo de burro com argamassa e numa segunda fase por lajes calcárias em V invertido. Foi mantido parcialmente, tendo sido desconstruído em cerca de 2.70 m.

Nas proximidades do anterior ramal surgiu um outro a cerca de 20 cm da Taberna do Pinto, com sentido Norte-Sul. Era constituído por alvenaria, embora neste caso encimado por lajes calcárias. Terá sido inutilizado pela canalização descrita previamente, embora sendo ambos



independentes. Os dois entram de forma paralela no edifício do Museu Nacional Machado de Castro. Este ramal foi completamente desconstruído.

No sentido ascendente, sensivelmente a Sudeste, já próximo da parte superior da Rua do Cabido, foi identificado um maciço muito argamassado, onde se visualiza pontualmente uma ou outra pedra calcária, com um formato em [. Desconhece-se a natureza e cronologia desta estrutura, embora aparente ser uma base (alicerce) de alguma construção. Uma vez que não se descobriu toda a área do maciço e materiais associados, é impossível tecer conclusões sobre a estrutura localizada. Sabe-se apenas que foi reaproveitada como parede lateral direita de um ramal, mais recente, situado de Norte-Sul, em direção ao Museu Nacional Machado de Castro. Designou-se por Estrutura 2 e manteve-se *in situ*.

Ao longo de quase toda a artéria visualizou-se uma estratigrafia muito semelhante, pautada pela presença do coletor antigo. Por questões de salubridade, de cotas e espaço para a colocação das novas infraestruturas foi necessário recorrer à desconstrução do antigo coletor. Pontualmente prevaleceram *in situ* vestígios parciais da parede Norte na Rua do Cabido, que foram protegidos com manta geotêxtil, nomeadamente um troço significativo desde a Travessa de S. Salvador para Este.



Foto 09 – Rua do Cabido, alinhamento do antigo coletor, com várias remodelações



Foto 08 – Rua do Cabido, interior da “runa”



- Beco das Condeixeiras –

No dia 03 de agosto de 2018 principiou a escavação da vala de eletricidade e telecomunicações, até ao número 7, a vala seguiu sempre por cima do tubo de saneamento, paralelamente à conduta de águas pluviais. Sensivelmente, nesta zona, surge a runa utilizada para recolher águas pluviais, estando ligada à conduta mais



Foto 10 – Beco das Condeixeiras a meio da artéria, onde se localizou o antigo coletor



Foto 11 – Entroncamento entre o Beco das Condeixeiras e a Rua Borges Carneiro, na zona de interceção da cloaca

recente. A estrutura da runa era muito semelhante à observada na Rua do Cabido, com as lajes superiores em xisto, um pavimento em calçada e as paredes laterais em alvenaria colmatada com argamassa esbranquiçada, semi-compacta e grão médio. A partir desta área, a vala seguiu no lado Oeste, com o bedrock a surgir a cotas muito superficiais.

No entroncamento entre o Beco das Condeixeiras e a Rua Borges Carneiro, o sistema de águas pluviais e esgotos tinha uma ligação unitária (ou seja, o tubo de ligação das águas pluviais e saneamento do Beco das Condeixeiras à Rua Borges Carneiro é apenas um) e que o projeto das Águas de Coimbra pretendia tornar separativo (dois). Se bem, que por enquanto o sistema de águas pluviais e esgotos na Rua Borges Carneiro seja ainda unitário. No entanto, nessa zona passa a *cloaca maxima* a uma cota bastante alta, estrutura que sofreu uma ligeira desconstrução numa fase anterior a esta obra, para colocação de um tubo único, estabelecendo a ligação (saneamento e águas pluviais) entre as duas vias.



A passagem de uma conduta unitária para 2 tubos (um de saneamento já existente e outro de águas pluviais, a implantar), implicaria a afetação da parte superior da cloaca, por isso optou-se, em concordância com a Direção Regional de Cultura do Centro, e uma vez que nesse momento não se vislumbravam vantagens relevantes na sua alteração, que naquela zona o sistema continuaria a funcionar nas condições atuais.

- Rua Borges Carneiro –

A escavação efetuada no âmbito da empreitada teve início no dia 09 de agosto de 2018, com a abertura de uma vala para colocação de tubagem de eletricidade e telecomunicações. A vala foi aberta, ao longo de cerca de 21m, no sentido ascendente, do entroncamento do Beco das Condeixas até à curva em cotovelo existente na respetiva artéria. Foram igualmente abertas caixas de visita. Nalgumas áreas a camada geológica de calcário surgia bastante superficialmente. Não se foram detetados vestígios arqueológicos.

- Rua de São Salvador –

O início da escavação ocorreu junto ao entroncamento entre a Travessa de S. Salvador e a Rua de S. Salvador, a 22 de agosto de 2018, no sentido Oeste-Este. Foram abertas valas, ramais e zonas para a instalação de caixas de visita relacionadas com as infraestruturas. Não foram identificados indícios de natureza arqueológica.

- Rua do Loureiro –

As escavações nesta artéria tiveram início junto ao imóvel com o número de polícia 59 e seguiram uma orientação Oeste-Este. Foi escavada, para além de uma vala principal, vários ramais e espaços para a instalação de caixas.

O princípio da abertura revelou imediatamente o coletor antigo de alvenaria, com uma composição semelhante à indicada anteriormente, sendo que a cobertura era provida de lajes calcárias de grandes dimensões (com espessura entre os 10 e os 14cm) e a base escavada de modo côncavo no substrato geológico. As paredes laterais do coletor assentavam na rocha. A



estrutura foi sendo desconstruída, para implantação das novas infraestruturas, mantendo, ocasionalmente intacto o alçado lateral direito.

Na sequência da escavação da vala principal, nas imediações da república denominada por Paços da República/Baco localizou-se material osteológico pertencente a um enterramento. Inicialmente, pensou-se que os vestígios seriam apenas de material descontextualizado, mas com uma observação mais cuidada, verificou-se a existência de um indivíduo *in situ*. O esqueleto foi escavado pela antropóloga presente na equipa de arqueologia.



Foto 12 – Vestígios da runa na Rua do Loureiro



Foto 13 – Localização e escavação do esqueleto 5 na Rua do Loureiro

O esqueleto 5 surgiu numa camada de sedimento castanho, pouco compacto, homogéneo e com alguns elementos de cerâmica e pedras, onde existiam um vasto tipo de tubagem e não apresentava sepultura definida, tendo a construção anexa (a república Paços da República/Baco) sido erguida por cima do enterramento, afetando o lado direito. Na mão direita revelava a existência de um anel circular em cobre.

- Largo de São Salvador –

A escavação no Largo de S. Salvador ocorreu em vários períodos distintos. Foram executadas valas, ramais e aberturas para colocação de caixas de visita. A vala principal teve inicialmente um sentido descendente, a partir do entroncamento com a Rua do Loureiro, ou seja, sensivelmente Norte-Sul. Depois seguiu o sentido Oeste-Este, desde o cruzamento entre o Largo e a Rua do Cabido, ao longo de cerca de 8m.



No Largo de S. Salvador, a “runa” faz curva da Rua do Loureiro e segue na orientação Norte-Sul, mantendo as características. Deste modo, temos duas paredes laterais, metade em alvenaria (fração superior) e a outra parte (nalgumas áreas as duas paredes laterais e noutras apenas a parede Nascente) pertence já ao substrato geológico. A base é de calcário, sendo que as lajes superiores são igualmente em calcário. Na área mais a Norte do Largo de S. Salvador, a altura do antigo coletor em alvenaria é relativamente reduzida, não ultrapassado os 50cm. A estrutura vai ficando diferente com o avanço para Sul, sendo que as paredes passam a ser unicamente de alvenaria argamassada (tom esbranquiçado, semi-compacta e grão médio) e o pavimento, mais para o lado Sul (sensivelmente depois do meio do Largo), composto por pedras calcárias de pequenas dimensões com um formato aproximado de um vaso (laterais oblíquas e fundo horizontal mais estreito). Nas imediações da porta mais a Sul dos edifícios onde habitam estudantes universitários (residência/república Paços da República/Baco), derivava um ramal em alvenaria, no sentido Este-Oeste, que permaneceu *in situ*. Também, a cerca de 4m da esquina com a Rua do Loureiro identificou-se um ramal que seguia o sentido Sudoeste-Nordeste.



Foto 14 – Limpeza da runa no Largo de São Salvador



Foto 15 – Aspeto interior da runa no Largo de São Salvador, com ramal secundário

No Largo devido à exiguidade do espaço (sobretudo na zona entre as escadas da Igreja de S. Salvador e os imóveis a Poente), bem como por questões relacionadas com o projeto, a “runa” foi sendo desconstruída, após o seu registo integral. No entanto, nalgumas áreas pontuais foram prevalecendo alguns vestígios do coletor antigo.

Junto ao entroncamento com a Rua do Cabido existe uma bifurcação da antiga “runa”, por um lado segue para a Rua do Cabido, por outro sobe o Largo de S. Salvador e ainda continua pela



artéria anexa à fachada lateral direita da Igreja de S. Salvador. Antes de entrar naquela rua e nas proximidades do portal de S. Tomás, o coletor antigo sofreu já amplas remodelações como o comprovam as lajes de betão que se visualizam superiormente.

- Rua de S. Salvador (área anexa à fachada lateral direita da Igreja de S. Salvador) –

A escavação nesta artéria principiou a 07 de janeiro de 2019 e teve o sentido Poente-Nascente, a partir do portal de S. Tomás. Neste traçado foi feita não só uma vala principal, mas também ramais e aberturas para a colocação de caixas de visita pertencentes a infraestruturas.

Nesta zona prosseguia a “runa”, tendo sido utilizado o método de preservação pelo registo, se bem que nalguns pontos o coletor antigo foi mantido. Ao longo da rua, a estrutura tinha sido alvo de várias remodelações, tendo inclusive adotado materiais bastante recentes como o betão. Várias infraestruturas recentes atravessam ou ladeiam o coletor antigo, estando o mesmo bastante entulhado, não sendo possível vislumbrar o seu pavimento (embora aparentemente seja de lajes calcárias). A parte exterior da “runa” é uma amálgama de pedra e argamassa, formando um aparelho completamente irregular e sem contornos definidos. As características gerais da estrutura permanecem idênticas.

Após os primeiros cerca de 4m de comprimento em que o antigo coletor foi desconstruído, o mesmo manteve-se *in situ* ao longo de 9m, momento em que a vala passou a seguir ao longo do perfil sul da estrutura. Mais à frente, a vala principal voltou a intercepar a “runa”, durante mais ±4m. Nesta fase, desaparece o coletor antigo, passando o mesmo a ser canalizado com tubagem em grés e PVC.

A 6.46m da esquina Nordeste do Museu Nacional Machado de Castro, entre a artéria referida superiormente e a Rua de S. João, foi identificado no perfil Sul, indícios de uma estrutura, possivelmente anterior à atual Igreja de S. João de Almedina. Tratava-se de um alçado, Estrutura 3, com indícios de um vão, possivelmente referente a uma porta, com parte das ombreiras, possuindo as pedras laterais frisos. Não tinha soleira, apenas uma pedra na zona



inferior para fechar o referido vão. Para além do elemento pétreo, o vão terá sido tamponado com argamassa de tom bege, compacta e grão médio. A estrutura desenvolvia-se ao longo de 2.50m e para além do vão tamponado, observava-se na sua sequência um muro de alvenaria irregular de pedras de pequenas e médias dimensões, um ou outro vestígio de cerâmica de construção, colmatadas com argamassa. Esta parede era visível sobretudo para Oeste, para Nascente apenas surgiram dois elementos. Uma vez que a escavação se foi afastando da estrutura por razões inerentes ao decorrer da empreitada, esta deixou de ser perceptível. Desconhece-se a natureza e a cronologia da estrutura, percebe-se que será prévia ao edifício religioso atualmente aí erguido, ficando nas traseiras do seu altar-mor. Poderá estar relacionado com alguma pré-existência do referido monumento, ou terá uma natureza diferente, lembrando que esta zona é parte nobre da cidade de *Aeminium*. No entanto, os materiais associados são escassos, nas suas imediações foi identificado apenas um fragmento de uma tégula e de um bordo de cerâmica comum (época Indeterminada). A estrutura foi devidamente registada, tendo os seus vestígios sido protegidos com manta geotêxtil.



Foto 16 – Runa na artéria junto à Igreja de S. Salvador



Foto 17 –Perfil da estrutura de natureza e cronologia desconhecida na artéria junto à Igreja de S. Salvador

MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO

Apesar da área alvo desta empreitada e da sua zona de escavação ter sido bastante ampla, considera-se pertinente que novas ações de escavação decorrentes no espaço abrangido voltem a ter acompanhamento arqueológico. Esta medida de minimização prevê que se acautele as superfícies ainda por intervencionar, nomeadamente a parte imediatamente anexa à fachada



lateral direita da Igreja de S. Salvador, que poderão futuramente revelar algumas surpresas. Salienta-se ainda que alguns vestígios arqueológicos prevaleceram *in situ*, como a sepultura antropomórfica localizada no âmbito da sondagem 5, as Estruturas 1, 2 e 3, a primeira na Largo de S. Salvador e identificada na sequência da sondagem 3, a segunda na Rua do Cabido e a terceira nas proximidades da esquina Nordeste do Museu Nacional Machado de Castro, entre a artéria adjacente à Igreja de S. Salvador e a Rua de S. João e alguns troços do antigo coletor em alvenaria, que convém preservar e manter para memória futura do local, como testemunho das vicissitudes urbanísticas da cidade de Coimbra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos decorrentes no âmbito da empreitada de “Remodelação e Modernização de Infraestruturas no Largo de S. Salvador” e artérias adjacentes, desenvolveram-se em 2 etapas específicas. Inicialmente, precedeu à realização de sondagens de diagnóstico prévio, que se saldaram pelo número de 5 e posterior acompanhamento arqueológico no período da obra propriamente dito.

Na sequência das sondagens arqueológicas foi identificada a Estrutura 1, cuja natureza e cronologia não foi possível determinar, devido não só, mas também à exígua área escavada. Durante o acompanhamento este elemento não voltou a ser localizado.

Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar uma área de necrópole, cujos enterramentos permitiram identificar 1 indivíduo não adulto e 4 adultos, um deles depositado numa sepultura escavada na rocha. Dos indivíduos adultos, dois não foi possível definir o sexo e os restantes pertenciam ao sexo feminino. Relativamente aos ossários considerou-se um número mínimo de 6 indivíduos adultos e 7 não adultos e um número máximo de 8 adultos e 12 não adultos. No entanto, reforça-se a ideia da grande destruição do local de sepulcro, devido a diversos revolvimentos posteriores no subsolo, nomeadamente com a instalação de variadas infraestruturas no local.

Durante o acompanhamento arqueológico foram ainda descobertas as Estruturas 2 e 3 e ainda o antigo coletor em alvenaria. Este último elemento surgiu em todas as artérias intervencionadas, exceto na Rua de S. Salvador (que deve ter sido já alvo de desconstrução) e na Rua Borges Carneiro, e estará relacionado com a vasta intervenção efetuada nas ruas da urbe antiga no âmbito



do Projecto de Esgoto e Saneamento da Cidade de Coimbra em 1890, com vista a abastecer o núcleo urbano com um sistema de drenagem de águas e esgotos. Esta rede foi sendo desconstruída para a instalação das novas infraestruturas, embora alguns troços tenham prevalecido *in situ*.

Relativamente às restantes estruturas, desconhece-se a sua datação e utilização, uma vez que surgiram apenas ínfimas partes de um contexto certamente mais complexo (sem ser possível ter uma visão abrangente do espaço total) e perante uma panóplia de realidades arqueológicas. Todos os indícios foram protegidos com geotêxtil.

Finalmente reforça-se a importância da intervenção arqueológica nestas áreas de elevada riqueza patrimonial, que viabilizam um conhecimento mais profundo da “vida” e da própria génese histórica da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge (1979). *As Origens de Coimbra. I Jornadas de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra. GAAC: 23-40.*
- ALARCÃO, Jorge de, (1999). *A Evolução Urbanística de Coimbra: das Origens a 1940. Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra em 1996. Nº especial de Cadernos de Geografia: 1-10.*
- ALARCÃO (2008). *Coimbra: A montagem do cenário urbano. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Fundação Calouste Gulbenkian. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.*
- ALMEIDA, Sara; COSTA, Ricardo C. e VILAÇA, Raquel (dez. 2015). *Testemunhos da Ocupação Pré-Romana no Forum de Aeminium (Coimbra, Portugal). Antrope – Evidências em Arqueologia: os êxitos de que quer (re)construir Sociedades. N.º 3. Instituto Politécnico de Tomar: 39-63.*
- *Anais do Município de Coimbra: 1870 - 1889 (1937). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.*
- *Anais do Município de Coimbra: 1890 - 1903 (1939). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.*
- *Anais do Município de Coimbra: 1904 - 1919 (1952). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.*
- *Anais do Município de Coimbra: 1920 - 1939 (1971). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.*
- *Anais do Município de Coimbra: 1940 - 1959 (1981). Coimbra – Edição da Biblioteca Municipal.*
- *Anais do Município de Coimbra: 1960 - 1969 (2008). Câmara Municipal de Coimbra.*
- BORGES, Nelson C. (1987). *Coimbra e Região, Lisboa. Editorial Presença.*
- CORREIA, Vergílio (1946). *Obras. Volume I. Universidade de Coimbra. Coimbra.*
- CORREIA, Vergílio e GONÇALVES, António Nogueira (1947). *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra. Vol. I. Lisboa. Academia Nacional de Belas Artes.*
- Departamento de Cultura (2008). *Coimbra: Das Origens a Finais da Idade Média. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Câmara Municipal de Coimbra.*



- *Departamento de Cultura (2009). Património Edificado com Interesse Cultural - Concelho de Coimbra. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Câmara Municipal de Coimbra.*
- *Diário As Beiras (05.09.1999).*
- *DIAS, Pedro (1981). Evolução do Espaço Urbano de Coimbra. Coimbra.*
- *ESCUDEIRO, Francisco de Asís E. e IZQUIERDO, María Pilar G. (2013). Las cloacas de Caesaraugusta y elementos de urbanismo y topografía de la ciudad antigua. Institución «Fernando El Católico»: 402-404.*
- *LOUREIRO, J. Pinto, (1960). Toponímia de Coimbra. Tomo I. Coimbra.*
- *LOUREIRO, J. Pinto, (1964). Toponímia de Coimbra. Tomo II. Coimbra.*
- *MAMEDE, Eduardo (1990-1991). A Igreja do Salvador – Subsídios para o seu estudo. Separata da “Revista Munda”: 23-29.*
- *MANTAS, Vasco Gil (1992). Notas sobre a Estrutura Urbana de Aeminium. Biblos. Vol. LXVIII: 487-513.*
- *MENDES, José Amado (2017). Saneamento e Águas Residuais em Coimbra: descoberta das suas origens, 1870 – 1910. Folheto da Exposição Museu da Água – 21 de março a 7 de maio.*
- *PETIZ, Paula, (2002). Aeminium. A Ideia do Espaço na Cidade Romana. Arquivo Coimbrão. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, Vol XXXV: 311-352.*
- *SILVA, Ricardo Costeira da (2011). O Quarteirão Urbano a Poente do Forum de Aeminium (Coimbra, Portugal) – A sua configuração ao longo do século I d. C. Conimbriga. Vol. L. Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras: 79-99.*
- *SILVA, Ricardo Costeira da (2015). O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco. Volume I e II. Universidade de Coimbra [policopiado].*
- *SOARES, A. F. e tal. (1985). Contribuição para o conhecimento geológico da cidade de Coimbra. Memórias e Notícias. Publicação do Mus. Lab. Mineral, Universidade de Coimbra. N.º 100. Coimbra: 41-72.*
- *TENTE, Catarina e LOURENÇO, Sandra (1998). Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo. Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 1. N.º 2: 191-218.*
- *TENTE, Catarina e LOURENÇO, Sandra (2002). Sepulturas medievais do distrito de Évora. Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 5. N.º 1: 239-258.*

Internet (consultada em março de 2017/fevereiro e março de 2019):

<http://www.googleearth.com>

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70316>

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70317>

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

<https://www.pinterest.pt/pin/258816309819114845/>

<https://www.pinterest.pt/pin/544794886157249143/>



CAPÍTULO 2 – RESULTADOS PALEOANTROPOLÓGICOS DOS TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO LARGO DE S. SALVADOR

Carmen Pereira²

A intervenção de repavimentação e modernização de infraestruturas na zona do Largo S. Salvador, Rua do Cabido e Beco das Condeixeiros da União das Freguesias de Coimbra contribuiu para uma melhoria do ponto de vista ambiental, visual e de disponibilização de melhores serviços nesta zona.

Esta área encontra-se inserida numa zona central da cidade e apresenta uma história de vivências e ocupação humana muito vasta. Logo, tem um potencial patrimonial muito rico.

A área de intervenção insere-se numa zona de muitos imóveis e ZEP`s classificados do ponto de vista patrimonial. Ou seja, nesta zona existem as classificações de Monumentos Nacionais como a Igreja de S. Salvador, do Paço Episcopal de Coimbra (antigo) / Museu Nacional Machado de Castro, dos Portais da extinta igreja e convento de Santa Ana e do Portal do Colégio de S. Tomás, que se encontram todos classificados através do Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136 de 23 junho 1910 com despacho de 18-02-2010 do diretor do IGESPAR, I.P. a devolver o processo à DRC do Centro, com parecer de 20-01-2010 do Conselho Consultivo a propor que seja apresentada nova proposta, e com proposta de 9-11-2009 da DRC do Centro para a ZEP dos imóveis classificados e em vias de classificação do Centro Histórico de Coimbra.

Esta área de intervenção está inserida ainda numa zona administrativa, tal como se encontra descrito nos pareceres emitidos pela DRCC, abrangida por várias proteções e salvaguardas patrimoniais, ou seja, na Zona Especial de Proteção da UNIVERSIDADE DE COIMBRA – ALTA E SOFIA através do aviso n.º 14917/2013, DR, 2ª série, n.º 236 de 05/12/2013 - inscrição na Lista do Património Mundial na 37ª Sessão do Comité do Património Mundial da UNESCO (2013), nos termos da decisão 37COM8B.38 do Comité do Património Mundial, com base nos critérios (ii), (iv) e (vi). Anúncio n.º 175/2013, DR, 2ª série, n.º 93, de 15/05/2013. Parecer de 23-04-2013 da SPAA do Conselho Nacional de Cultura; pelo anúncio n.º 5286/2011, DR, 2.ª série, n.º 78, de 20-04-2011; pelo despacho de abertura de 24-02-2011 do diretor do IGESPAR, I.P.; proposta de abertura de 18-02-2011 do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, por ter sido inscrito na Lista Indicativa do Património Mundial em 2004. Encontra-se ainda abrangida pelas

² Técnica Superior – Antropologia na Câmara Municipal de Coimbra (DGU/DGUC).



ZEP's definidas no aviso n.º 14917/2013, DR, 2.ª série, n.º 236, de 5-12-2013 (ZEP); zona tampão aprovada na 37.ª sessão do Comité do Património Mundial da UNESCO (2013); anúncio n.º 5286/2011, DR, 2.ª série, n.º 78, de 20-04-2011 e despacho de 24-02-2011 do diretor do IGESPAR, I.P. a determinar a fixação da ZEP provisória.

A Igreja de S. Salvador³, ou a Igreja do Salvador⁴, de origem românica, manuelina, maneirista e barroca, data da 2ª metade do século XII. Mas esta igreja substituiu uma construção anterior datada de 1064. Neste ano, o inventário de bens do mosteiro da Vacariça já refere a igreja, localizada intramuros da cidade de Coimbra, provando que a sua construção é anterior a essa data. A igreja pertenceria ao mosteiro da Vacariça, onde viviam monges. Este espaço de culto, pertencente a uma colegiada, foi sofrendo alterações durante os vários séculos. Assim, passando a descrever em termos temporais: no ano de 1179, Estevão Martins, manda remodelar a igreja segundo informação de inscrição no portal. No século XVII existem registos de alteração da fachada da colegiada que dá para a Rua da Matemática. No século XVIII verificou-se uma remodelação profunda da igreja. Em 1854, a paróquia foi extinta e ficou entregue à Sé. No ano de 1910 foi ocupada por franciscanos, da Irmandade dos Clérigos Pobres da cidade, até à década de 1940, altura em que a passa a espaço de arrumos e casa mortuária. Neste mesmo século ocorreram várias obras, na fachada e obras de conservação, estudos de pinturas, azulejaria e das humidades existentes.

Atualmente, a igreja de planta retangular irregular, é composta pelo corpo da igreja, e cabeceira tripla de topos retilíneos. Segundo Correia de Azevedo⁵ o templo atual mantém “*o portal de duas arquivoltas e arco envolvente com decoração geométrica, três naves separadas por colunas, dois pilares e uma inscrição (...)*” da igreja primitiva.

No século XVIII uma parte da colegiada foi separada da igreja. Ressalva-se para esta explicação, a casa junto à torre da igreja. Neste espaço construíram uma habitação de rés-do-chão e dois andares. Na entrada do século XIX esta casa passaria a pertencer ao Cónego Brito do Amaral. Atualmente, na zona de acesso da Couraça dos Apóstolos, parte do edifício é ocupado pela

³ A informação aqui apresentada foi obtida através dos dados da ficha de património do Igreja de São Salvador disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70316> e http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1599 (acedido em 12/10/2018).

⁴ É importante ressaltar o artigo apresentado por Eduardo Proença Mamede (1990-1991) com o título “Igreja do Salvador em Coimbra – Subsídios para o seu estudo”, disponível em <http://ww3.aeje.pt/avcultor/Secjeste/Recortes/Arquitectura/IgrejaSalvador.htm> (acedido em 07/12/2017).



República dos Galifões “Corsário das Ilhas”, e no acesso pela Rua de S. Salvador uma habitação particular. Recentemente nas obras de remodelação desta parte do edifício terão sido registadas sepulturas escavadas na rocha e muitos enterramentos e ossários (informação oral). Não se sabe grande resultado dos trabalhos e investigação aqui desenvolvidos pela equipa de arqueólogos.

Nos espaços anexos à igreja existiram ainda uma carvoaria e posteriormente uma gráfica (fig. 1). Atualmente, não é visível qualquer atividade.

Ao longo das várias intervenções que foram ocorrendo no largo, o acesso à igreja foi alterado. Este muro e os acessos laterais (fig. 2) foram demolidos e foi apenas mantida uma escadaria ampla de acesso (fig.3).



Fig. 1 e 2 Igreja S. Salvador, sd. (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70316> e <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cache/bc/c6/bcc66e96fa142ccb6ccd88b3c15e374a.jpg>) acedido em 12/10/2018.

Fig. 3 Igreja S. Salvador, 2018 (https://www.google.pt/maps/@40.209372,-8.4255907,3a,75y,40.86h,101.49t/data=!3m6!1e1!3m4!1spzhPp-Sduo_LultF-QvGnw!2e0!7i13312!8i6656 (acedido em 27/11/2018).

Esta zona apresenta um conjunto de imóveis e áreas classificadas, mencionadas anteriormente. Ressalva-se nas imediações da igreja o Museu Nacional Machado de Castro, composto por dois edifícios antigos: o Paço Episcopal e a Igreja de São João de Almedina. O paço dos bispos de Coimbra⁶ foi construído no espaço onde outrora, em meados do século I, foi edificado pelos romanos o *forum* de Aeminium, com um criptopórtico romano, de construção exímia para este género, com galerias visitáveis onde se encontram esculturas e inscrições romanas.

Localizada em frente à Igreja S. Salvador existe uma casa grande, transformada, uma parte em Residência Universitária, localizada no Largo, e outra em Repúblicas, que se estende do Largo à

⁵ Correia de Azevedo. S/d. *Coimbra- Arte Monumental Portuguesa*. 1º Vol.

⁶ A informação aqui apresentada foi obtida através dos dados da ficha de património do Paço Episcopal de Coimbra disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70317> (acedido em 12/10/2018). http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5683 (acedido em 12/10/2018).



Rua do Loureiro. Esta casa será a designada por Casa do Meiro, que segundo Eduardo Proença Mamede⁷ apresenta duas épocas construtivas. No ano de 1614, o meirinho do Bispo-Conde compra as casas existentes neste espaço e constrói uma casa com rés-do-chão e 1º andar. Sofreu novamente alterações, após 1760, devido a um incêndio, com a construção de mais um andar.

A necessidade desta remodelação do Largo de S. Salvador careceu da intervenção arqueológica e antropológica devido à sensibilidade patrimonial. O desenvolvimento deste trabalho permitiu um avanço no conhecimento e importância da arqueologia em zonas com imóveis que apresentam história e se caracterizam pelo seu potencial. Inicialmente foram escavadas sondagens prévias de diagnóstico e posteriormente no decorrer dos trabalhos de empreitada foi efetuado o acompanhamento arqueológico e antropológico de obra, com escavação sempre que foi necessário intervir. A realização de sondagens prévias de diagnóstico contribuiu para a análise do espaço e avaliação do enquadramento de elementos, assim como para o impacto sob o ponto de vista patrimonial. Este trabalho desenvolveu-se segundo os planos de trabalho, adaptados face às necessidades em campo, para compreensão e leitura de certas zonas, e a manutenção dos registos do período de ocupação.

A presença de material osteológico humano nesta zona, fundamenta-se através do culto religioso, assim como a presença de uma necrópole associada ao templo existente, a Igreja de S. Salvador. Relativamente à área de necrópole não se sabe ao certo a sua área de extensão. Contudo, com base na pesquisa bibliográfica foram identificados documentos onde existe alguma informação mais dispersa, sem localização exata, das descobertas. Como é o caso da informação disponibilizada na DGPC “*Quando os C.T.T. em 1989 abriram uma vala para substituição dos cabos telefónicos do Museu Machado, foram encontradas três sepulturas escavadas na rocha situadas por baixo do empedrado do passeio. Nas sepulturas apenas se encontraram ossos, e não pareciam ter sido mexidas.*”⁸. A presença de material osteológico humano no local desta obra fundamenta-se pela prática funerária usual de inumação no interior e adro das igrejas. Assim, neste ponto considera-se que foram indicados os dados que justificam a importância deste espaço.

⁷ Eduardo Proença Mamede (1990-1991) com o título “Igreja do Salvador em Coimbra – Subsídios para o seu estudo”, disponível em <http://ww3.aeye.pt/avcult/Secjeste/Recortes/Arquitectura/IgrejaSalvador.htm> (acedido em 07/12/2017).

⁸ Acessível através do link <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2161604> (acedido em 15/10/2018).



Esta fase de investigação de registos escritos e cartográficos acerca da ocupação do espaço, assim como, a pesquisa de eventuais registos paroquiais para uma interpretação das pessoas que possam ter sido inumadas neste espaço, revelou que mesmo após a extinção das ordens religiosas, em 1834, o Decreto datado de 1835 (Decreto de 21 de setembro – Diário do Governo n.º 226, a Portaria de 8 de outubro de 1835) para determinação de estabelecer cemitérios públicos e o Regulamento para os municípios portugueses construírem esses espaços de inumação “... o uso de Cemitérios tenha sido instaurado entre nós por decreto de 21.09.1835 e regulamentado a 4 de outubro do mesmo ano” (Duarte, 2003: 279), a inumação neste espaço se manteve. Contudo, esta regulamentação não terá sido executada de imediato e, durante alguns anos, ainda se mantiveram as inumações nos interiores e adros dos templos religiosos, tal como se verifica através destes registos disponíveis, e outros de todas as restantes freguesias.

Os registos desta paróquia, disponíveis *on line* para consulta, referem-se apenas ao período de 1719 a 1854, sendo certo que o período de sepultamento datará do início da existência da igreja, ou seja, do século XI. No entanto, através desses registos disponíveis constata-se que até 1854 existiram enterramentos na igreja. E no ano de 1732, segundo o registo disponível, verifica-se um enterramento (fig. 4) de frente para a igreja, logo, na área de necrópole pertencente à igreja.

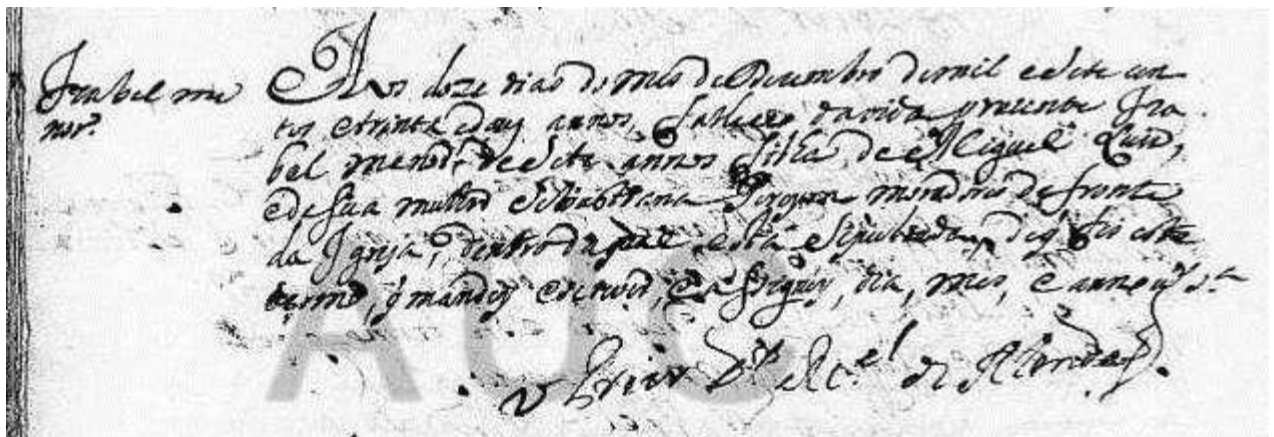


Fig. 4 Registo paroquial que data de 1732 e refere enterramento de frente para a igreja. Paróquia de São Salvador – Coimbra <https://pesquisa.auc.uc.pt/viewer?id=35113&FileID=120740> – pág. 30 (acedido em 29/10/2018).

Numa análise dos registos paroquiais, no ano de 1854 ainda se sepultava dentro da igreja de S. Salvador (data de último ano de registos paroquiais disponíveis para esta paróquia). Através de uma necessidade de perceber quando terão terminado os enterramentos nesta zona, foram consultados os registos paroquiais da Paróquia da Sé Nova (registos de óbitos de 1851/1868). Constatou-se que o primeiro sepultamento no cemitério público data de 21 de outubro de 1855



(pág. 32 no link <https://pesquisa.auc.uc.pt/viewer?id=34580&FileID=145935>). Logo, terá sido nesta altura que se efetivaram os primeiros enterramentos nos cemitérios públicos deixando esta zona envolvente de servir como área de necrópole.

A amostra de material osteológico desta intervenção resume-se a um total de 600 ossos humanos. A sondagem 1 revelou uma amostra de 53 ossos (7 de indivíduos não adultos e 46 de indivíduos adultos) na camada 2, e a presença de duas sepulturas. Na sepultura 1 registou-se a presença de um indivíduo não adulto de 5/6 anos e uma amostra de 126 ossos de indivíduos não adultos, associada. Na sepultura 2 foram registados dois indivíduos adultos (estes enterramentos ficaram *in situ*, porque apenas foram registados até à coluna vertebral, pois o restante encontrava-se sob a parede da igreja). Na sondagem 4 foram registados 4 ossos de indivíduos adultos, na camada 5. Na sondagem 5 foram registados 8 ossos de indivíduos adultos e 31 ossos de indivíduos não adultos na camada 7. Nesta sondagem registou-se ainda a presença de uma sepultura escavada na rocha com presença *in situ* de 1 indivíduo adulto e uma amostra de ossário associado, com 117 ossos de indivíduos adultos e 70 ossos de indivíduos não adultos. Na fase de acompanhamento da empreitada na Rua do Loureiro foi identificado um enterramento de indivíduo adulto de sexo feminino e uma amostra de 6 ossos de indivíduos adultos. E no Largo de S. Salvador foi recolhido 1 osso. Considera-se uma amostra razoável que contribui favoravelmente para uma caracterização populacional no âmbito de um estudo mais alargado.

No decurso dos trabalhos de sondagens e acompanhamento foram ainda recolhidos ossos de fauna nas seguintes localizações: sondagem 2 [2]; sondagem 3 [2], [3] e [9]; sondagem 4 [2], [3] e [5]; sondagem 5 [2], [7] e [11]; AAO Rua do Loureiro; e AAO Largo S. Salvador.

Os resultados da análise dos ossos revelaram dados significativos. No âmbito dos trabalhos de campo das sondagens prévias de diagnóstico ressalvam-se os achados de material osteológico humano nas sondagens 1, 4 e 5.

A sondagem 1 (fig. 5) localizou-se junto ao acesso da escadaria da igreja, na zona lateral esquerda. Aquando da escavação manual foram detetados alguns ossos dispersos [2] e duas sepulturas. A sepultura 1 [6] com enterramento 1 [8] e ossário [8A] e a sepultura 2 [7] com 2 enterramentos, o enterramento 2 [9] e o enterramento 3 [10].

Assim, o inventário do material osteológico humano disperso na camada 2 resultou numa amostra de 53 peças inventariadas, 7 de indivíduos não adultos e 46 de indivíduos adultos. Registou-se a



fragmentação dos ossos e a presença de agente tafonómico, ou seja, a presença de argamassa no O.2 (fig. 6).

Existe material osteológico humano adulto e não adulto, e assim, contabiliza-se um nmi, a presença de 1 indivíduo adulto e um NMI de 3, pela contabilização do 2º, 3º e 4º metacarpos direitos, O. 32, 31 e 33, respetivamente, pertencendo ao mesmo indivíduo ou a indivíduos diferentes. E no nmi e NMI 1 indivíduo não adulto, pela amostra. No campo da diagnose sexual foi possível inferir a presença de indivíduo adulto de sexo feminino (Silva, 1995) através do talus direito, O.27.



Fig. 5 Plano final da Sondagem 1.

Fig. 6 Fragmento de frontal O. 2 da S.1 [2] com presença de agente tafonómico (argamassa branca).

Fig. 7 Vértebra torácica, O. 26. Presença de labiação de grau 2 e macroporosidade nas superfícies, superior e inferior, do corpo. Facetas articulares, superiores e inferiores com labiação de grau 1. Diagnóstico diferencial para possível OA (Roberts e Manchester, 1995).

A nível paleopatológico ressaltam-se os resultados de patologia degenerativa articular e patologia oral. Assim, o O.10 apresenta no acrómio a presença de labiação de grau 1 (Crubézy *et al.*, 1985) e de porosidade, e a cavidade glenóide também tem labiação de grau 1 (Crubézy *et al.*, 1985) e de porosidade. Estas duas situações permitem inferir o diagnóstico diferencial para OA (Roberts e Manchester, 1995) para a cintura escapular.

A vértebra torácica O.26 (fig. 7) apresenta no corpo na superfície superior a presença de labiação de grau 2 (Crubézy *et al.*, 1985) e macroporosidade, permitindo inferir um diagnóstico diferencial para OA (Roberts e Manchester, 1995). As facetas articulares esquerdas, superiores e inferiores, apresentam ainda a presença de labiação de grau 1 (Crubézy *et al.*, 1985).

No campo da patologia oral foram registados casos de desgaste, ou seja, 7 casos de grau 1 no IC superior (O.36), I (O. 37, 38, 39 e 40), M (O. 48 e 50) e 3 casos de grau 2 M (O. 46, 47 e 49).



Na sondagem 1 registou-se a presença da sepultura 1 de forma irregular, o comumente conhecido como “covacho”. Revelou a presença de duas realidades *in situ*: um enterramento [8] (fig. 8) e um ossário [8A].

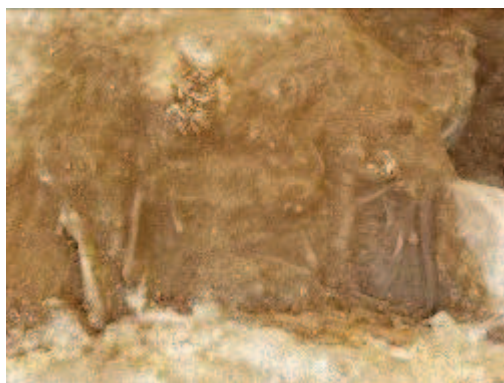


Fig. 8 Sepultura 1 da Sondagem 1 cm presença *in situ* de enterramento e ossário.

Fig. 9 Sepultura 2 com o Enterramento 2 [9] e o Enterramento 3 [10], que permaneceram *in situ*, da Sondagem 1.

Esta sepultura revelou a presença *in situ* de 1 enterramento de criança com uma idade à morte estimada em 5/6 anos (Stoukal e Hanáková, 1978). Este não adulto encontrava-se em decúbito dorsal, com o crânio sob a face esquerda, e uma orientação O-E. A posição dos membros superiores revelou um ângulo de 90°, com as mãos sobre as vértebras torácicas. Os membros inferiores estendidos, paralelos entre si, com os pés cruzados, o direito sobre o esquerdo.

No âmbito da tafonomia registou-se a fragmentação dos ossos e a perda *post mortem* de dentes. No campo da patologia oral foi registada a presença de uma pequena cárie.

Associado ao enterramento, no covacho, foi identificado, registado e exumado um conjunto de ossos de indivíduos não adultos, que face ao resultado obtido em inventário se caracteriza como ossário [8A], com 126 ossos inventariados.

No âmbito da tafonomia registou-se a fragmentação dos ossos e a perda de dentes *post mortem* de dentição. Revelou um nmi de 2 indivíduos não adultos com base nos úmeros direitos e esquerdos, e fémur direito e NMI de 3 fundamentado pelos fémures direitos. Relativamente à estimativa da idade à morte, esta compreende-se entre 1 ano de idade e os 4,5 anos de idade, obtidas através das medidas dos ossos. A nível paleopatológico ressaltam-se os resultados de patologia oral com resultados de desgaste e tártaro moderado.

Na sondagem 1 foram ainda registados dois enterramentos na sepultura 2 [7] (fig. 9), o enterramento 2 [9] e o enterramento 3 [10].



Na sondagem 1 registou-se ainda a presença da sepultura 2 [7] delimitada por pedras calcárias no lado Norte (fig. 11). Nesta sepultura foram identificados dois indivíduos de idade adulta, não sendo possível determinar a sua diagnose sexual devido à fragmentação dos ossos que foi possível observar. O enterramento 2 [9] e o enterramento 3 [10] (fig. 9). O enterramento 2 encontrava-se em decúbito dorsal com a orientação O-E e a posição do membro superior direito (úmero) encontrava-se estendido, paralelo ao tronco. O restante não foi possível determinar porque se encontrava sob a parede da igreja. O enterramento 3 encontrava-se em decúbito dorsal com a orientação O-E, sobre a face esquerda e a posição dos membros superiores (úmeros) encontravam-se estendidos, paralelos ao tronco. À semelhança do enterramento 2, neste também não foi possível visualizar mais. Relativamente a estes indivíduos, ressalva-se a informação de que estes se encontravam sob a parede da frontaria atual da igreja, a partir da zona do tórax. A localização e extensão dos enterramentos não implicavam qualquer afetação para a obra e foi decidido não recolher a parcialidade dos enterramentos, e decidiu-se (em conjunto com a DRCC) a selagem desta zona.



Figs. 10 a 12 Selagem da Sondagem 1, cumprindo as medidas de minimização propostas.

A sondagem 4, localizada no adro, no âmbito da escavação manual, foi detetado e recolhido um conjunto de 4 ossos adultos dispersos [5]. Deste conjunto de ossos ressalva-se na diáfise do perónio (O.4) a presença de um buraco nutritivo muito profundo e de patologia degenerativa não articular com presença de alteração da entese de grau 2 no *bíceps* femoral de perónio (Crubézy, 1988).

A escavação da sondagem 5, localizada na lateral da igreja, permitiu identificar e registar a presença de várias infraestruturas de canalizações e eletricidade, fundamentando a presença de solo remexido (fig.13), com observação destas intromissões. A canalização preta teve de ser removida para que a continuidade dos trabalhos se efetuasse com maior rigor. Na continuidade da escavação foi identificado material osteológico que permitiu registar a presença de ossos dispersos



[7]. Posteriormente, foi identificada uma sepultura [6] escavada na rocha com presença de duas realidades, um ossário [11] e um enterramento [13].



Fig. 13 Sondagem 5 com presença de várias infraestruturas.

Fig. 14 Plano final da Sondagem 5 e Sepultura [6] escavada na rocha.

Figs. 15 e 16 Planos finais de ossário [11] e enterramento [13] da Sepultura [6] da Sondagem 5, respetivamente.

No decorrer dos trabalhos de escavação foram, então, recolhidos ossos humanos [7] num total de 39, com 8 de indivíduos adultos e 31 de indivíduos não adultos.

Nesta amostra, foi possível inferir a diagnose sexual para o sexo feminino no calcâneo direito (O.5). Neste mesmo osso foi identificada a presença de caracter discreto como faceta anterior dupla descontínua.

Na amostra de indivíduos não adultos foi possível estimar uma idade à morte de 6 anos \pm 24m (Ubelaker, 1989) no maxilar superior esquerdo (O.9).

Após a exumação dos ossos dispersos [7] registou-se a presença de uma sepultura escavada na rocha [6], antropomórfica com cabeceira e leito em planos diferentes (fig. 14).

Esta sondagem no decorrer dos trabalhos careceu do seu alargamento a Oeste para uma melhor percepção da realidade total da sepultura.

Foi registado um ossário [11] (fig. 15) associado ao enterramento [13] (fig. 16) aqui existente. Este ossário de grande dimensão, revelou 117 ossos pertencentes a indivíduos adultos e 70 a indivíduos não adultos.

Estas duas realidades foram escavadas em simultâneo, tendo sido registado e exumado o ossário, em primeiro, e de seguida isolado o enterramento para registo e exumação. Identificaram-se os ossos pertencentes ao indivíduo, através da presença de conexão anatómica. Registou-se individualmente e exumaram-se todos os ossos.



Da análise do inventário do ossário ressaltam-se algumas observações. No âmbito da tafonomia existe o O.70, sínfise púbica de coxal direito com presença de grande depressão que altera a forma nesta zona (fig. 17) com possível causa para ação humana, também identificados com registo de alteração morfológica e/ou patologia traumática. Assim como, os casos enunciados para possível patologia infecciosa nos úmeros O.75 (fig. 18) O. 77 e O.81 (fig. 19) devido à presença de porosidade nas diáfises, nas tíbias O.108 (fig. 20) e O.109 e no perónio O.115 (fig. 21).

Nesta amostra existe material osteológico humano adulto e não adulto, assim, contabiliza-se no mínimo e no máximo, nmi e NMI, 2 indivíduos adultos (através do perónio direito) e 2 indivíduos não adultos no mínimo (nmi) pelo úmero esquerdo, rádio direito, cubito esquerdo e tibia esquerda e 3 no máximo (NMI) pela idade à morte.

No campo da estimativa da idade à morte dos não adultos existem 3 idades definidas, 5anos \pm 16m (O.119), 24m (O.170) e 30m (O.178 e O.179). No campo da inferição de diagnose sexual foi possível determinar a presença de indivíduo de sexo feminino através dos coxais O.62, 63 e 66 (Ferembach *et al.*, 1980), úmeros O.75 (fig. 18), O.77, 78 e 81 (fig. 19) (Wasterlain, 2000) e fémur O.99 (fig. 22) O.101, 102 e 104 (Wasterlain, 2000) e para presença de indivíduo de sexo masculino através do crânio O.1 (fig. 23) (Ferembach *et al.*, 1980) e dos úmeros O.71, 74 e 80 (Wasterlain, 2000).

Relativamente aos dados morfológicos ressaltam-se os caracteres métricos necessários, obtidos sempre que foi possível, e os caracteres não métricos ou discretos. Os primeiros colaboram na obtenção de outros dados, principalmente os demográficos, os segundos permitem a identificação de presença de carater especiais com perfuração de nervo supraclavicular da clavícula (O.21 - fig. 24) e presença de fossa hipotrocantérica dos fémures O.99 (fig. 22) e O.104. No campo da morfologia existe o O.70, sínfise púbica de coxal direito com presença de grande depressão que altera a forma nesta zona (fig. 17) e o inion do crânio do O. 1 (fig. 23).

A nível paleopatológico ressaltam-se os resultados de patologia degenerativa articular e não articular, oral, traumática e infecciosa. Assim, a patologia degenerativa articular apresenta presença de labiação moderada (fig.22) e uma inferição de OA em 2 casos, pela presença de labiação e porosidade. No âmbito da patologia degenerativa não articular foi possível identificar alteração da entese moderada (figs. 22 e 25), destacando-se a do grande trocanter e línea *aspera* do fémur (O.99 – fig. 22), e alteração da entese de grau 2 no maléolo lateral do perónio esquerdo (O.118 – fig. 25).



No campo da patologia oral foram registados casos de desgaste e de tártaro acentuado (figs. 26 e 27). Neste âmbito da doença oral ressalva-se ainda a presença de uma mandíbula com total reabsorção alveolar concluída, O.11 - fig. 27 (Hillson, 1996, 2000).

No âmbito da patologia traumática existe o O.70, sínfise púbica de coxal direito com presença de grande depressão que altera a forma nesta zona (fig. 17), podendo inferir-se a existência de algum trauma nesta zona. Ressalva-se ainda a hipótese de patologia traumática no perónio O.115 (fig. 21) devido à presença de depressão na diáfise.

No campo paleopatológico infere-se a presença de patologia infecciosa nos úmeros O.75 (fig. 18) O. 77 e O.81 (fig. 19) devido à presença de porosidade nas diáfises. Noutros casos é possível inferir um diagnóstico diferencial com base na localização das patologias. Ou seja, diagnóstico de periostite tibial nas tíbias O.108 (fig. 20) e O.109 e periostite peroneal no perónio O.115 (fig. 21) devido à presença de porosidade na diáfise e junto à extremidade distal.



Fig. 17 Sínfise púbica de coxal direito, O.70, com presença de grande depressão que altera a forma nesta zona. Infere-se a provável ação humana como agente tafonómico ou a patologia traumática com possível trauma e compressão.

Fig. 18 1/4 distal de úmero direito, do sexo feminino, O. 75, com presença de porosidade na diáfise.

Fig. 19 Úmero esquerdo, sem 1/4 distal, do sexo feminino, O. 81, com presença de porosidade na diáfise.



Fig. 20 1/4 distal de tibia direita, O. 108, com presença de porosidade junto ao maléolo interno.

Fig. 21 Perónio direito, sem extremidade proximal, O. 115, com presença de porosidade na diáfise e junto à extremidade distal.



Fig. 22 Fémur direito, sem côndilo interno, do sexo feminino, O. 99, com presença de labiação de grau 1 na cabeça femural e nos côndilos femurais. Presença de alteração da entese de grau 1 do grande trocater e na *linea áspera*. E presença de caracter discreto com fossa hipotrocanteriana.

Fig. 23 Crânio O.1, com visualização de inion muito saliente, com grandes alterações morfológicas e presença de relevo nucal acentuado.



Fig. 24 Clavícula esquerda, O. 21, com presença de perfuração do nervo supraclavicular.

Fig. 25 1/4 distal de perônio esquerdo, O. 118, com exuberância da zona dos ligamentos calcaneofibular e talofibular posterior.



Fig. 26 Mandíbula, partida no ramo mandibular esquerdo na zona dos molares, O.8, com presença de desgaste e tártaro e visualização de reabsorção alveolar na zona dos pré-molares e molares.

Fig. 27 Mandíbula com reabsorção alveolar concluída, O. 11.



O enterramento [13] exumado, de um indivíduo adulto do sexo feminino, apresentava apenas parte dos membros inferiores, nomeadamente as tíbias, perónios e pés, estendidos e paralelos entre si (fig. 16), encontrava-se em decúbito dorsal, e uma orientação de O-E.

Neste indivíduo ressaltam-se os caracteres discretos como a presença de superfície articular inferior talar dupla contínua (Finnegan, 1978) do talus esquerdo e a presença de faceta anterior dupla – descontínua (Finnegan, 1978) dos calcâneos direito e esquerdo.

Salvaguarda-se em forma de nota adicional a hipótese do restante material osteológico correspondente ao enterramento que poderá eventualmente encontrar-se misturado com os ossos do ossário. Uma inferiçã possível para uma fundamentação desta hipótese baseia-se no facto do revolvimento do ossário poder ter ocorrido para colocação das infraestruturas que se registaram acima da presença dos ossos.

Após a conclusão das sondagens prévias de diagnóstico, foram apresentados os respetivos resultados e avaliadas as medidas de minimização para início dos trabalhos da empreitada.

No decurso da abertura de valas, na Rua do Loureiro surgiu um enterramento [2]. A escavação foi efetuada de forma manual (fig. 28) e revelou a presença de um enterramento [2] (fig. 29) que se encontrava em decúbito dorsal, com o crânio a olhar para o céu, e uma orientação O-E, assente na rocha. Na posição dos membros superiores encontrava-se o esquerdo com ângulo de 90° e o direito com ângulo inferior a 90°, sobre o peito. Nas mãos, a direita estava sobre o tórax e a esquerda sobre o coxal direito. Nos membros inferiores, existia apenas o fémur esquerdo que estava estendido. Não tinha os pés. Este enterramento corresponde a um indivíduo do sexo feminino e com uma idade estimada acima dos 18 anos e com um limite de 29 anos



Fig. 28 Escavação manual de enterramento 1 [2] do AAO da Rua do Loureiro.

Fig. 29 Plano final do enterramento, *in situ*, da Rua do Loureiro.



Na análise dos ossos deste enterramento ressaltam-se ainda as inferências tafonómicas observadas pela presença de argamassa no rádio e cúbito direito, pois encontravam-se sob a parede da habitação aí existente. A presença de alteração de coloração na 4ª falange proximal da mão direita (fig. 29) resultam do contacto de um anel em bronze que ali se encontrava (figs. 30 e 31).

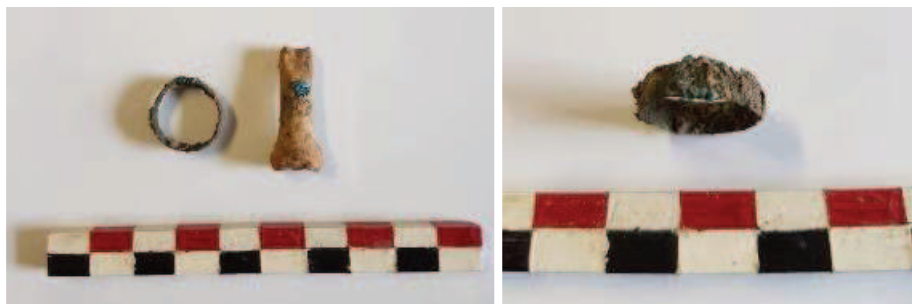


Fig. 30 e 31 4ª falange proximal de mão direita com alterações tafonómicas, ou seja, mancha de bronze provocada, provavelmente, pelo contacto do anel em bronze. Pormenor do anel em bronze.

Na amostra deste enterramento ressaltam-se no crânio a presença de carácter discreto – *foramina* supraorbitais acessórios, bilateral (fig. 32) (Hauser e De Stefano, 1989). No úmero esquerdo a presença da fossa coronóide na zona da abertura septal sem fechar (fig. 33). Este facto pode ser interpretado como um carácter discreto segundo Finnegan (1978), ou como uma ossificação incompleta que é mais comum no sexo feminino, segundo Ming-Tzu (1935 *in* Scheuer e Black, 2000:277) e Godycki (1957 *in* Scheuer e Black, 2000:277). Na clavícula direita verifica-se a presença de depressão junto à extremidade acromial (fig. 34), possível trauma ocorrido na vida que terá cicatrizado com esta forma. No setor da patologia oral registou-se a presença de cáries, desgaste e tártaro moderado. O início da reabsorção alveolar (Hillson, 1996, 2000) do lado direito indicia que estas perdas terão ocorrido nos últimos 3 anos de vida e a fase final da reabsorção alveolar do lado esquerdo indicia que estas perdas terão ocorrido há mais de 3 anos.



Fig. 32 Frontal, O. 1, do Enterramento do AAO Rua do Loureiro, com presença de foramina supraorbitais acessórios, bilateral.

Fig. 33 Úmero esquerdo, sem extremidade proximal, O. 7, com presença da fossa coronóide na zona da abertura septal sem fechar.

Fig. 34 Clavícula direita, O. 3, do Enterramento do AAO Rua do Loureiro, com presença de depressão junto à extremidade acromial.



No decurso da escavação nesta zona da Rua do Loureiro foram recolhidos 6 ossos dispersos [2].

No âmbito geral de análise a tíbia e o perónio direitos poderão, hipoteticamente, pertencer ao enterramento devido à proximidade em que se encontravam no decurso da escavação. Tal como se verifica na fig. 29 estes ossos encontravam-se junto ao crânio do enterramento. Contudo, esta inferição não é determinante.

Para este conjunto de ossos dispersos ressaltam-se ainda as alterações tafonómicas com presença de argamassa nos ossos de perónio direito (O.3) e de perónio esquerdo (O.6, fig. 35). Neste último foi identificada ainda uma ligeira depressão provocada talvez por ação humana (fig. 35).



Fig. 35 ½ distal de perónio esquerdo, O. 6, com presença de argamassa junto à extremidade distal e presença de uma ligeira depressão provocada, provavelmente, por compressão de ação humana.

Aquando da abertura das valas desta empreitada, no Largo de S. Salvador também foi recolhido um osso humano (maxilar direito) com desgaste acentuado.

Os resultados gerais deste estudo compilam-se em dados como a identificação de enterramentos de um indivíduo não adulto da sepultura 1 [6] da sondagem 1, 1 indivíduo adulto da sepultura 1 [13] da sondagem 5 e 1 indivíduo adulto no AAO da Rua do Loureiro. Contudo, através dos dados de ossários é possível inferir que no total temos uma amostra de nmi de 6 indivíduos adultos e 7 indivíduos não adultos e NMI de 8 indivíduos adultos e 12 indivíduos não adultos.

No campo da diagnose sexual é possível afirmar que na amostra o enterramento da sondagem 5 e o enterramento do AAO da Rua do Loureiro correspondem a um indivíduos adultos do sexo feminino.

Na estimativa da idade à morte para os enterramentos da sondagem 5 e do AAO a idade é adulta e para o enterramento da sondagem 1 a idade estimada foi de 5/6 anos. Nas amostras de ossários alguns parâmetros foram possíveis de observar e estimar alguns intervalos de idade. Na amostra de



ossário [8A] associada ao enterramento [8] da sepultura [6] da sondagem 1 foi possível estimar a idade à morte compreendida entre 1 ano de idade e os 4,5 anos de idade. E na sondagem 5 [7] foi possível inferir uma idade à morte estimada em 6 anos $\pm 24m$ e no ossário [11] associado ao enterramento [13] da sepultura desta sondagem existem 3 idades definidas entre os 24m, os 30m e os 5anos $\pm 16m$.

No campo da alteração morfológica foram registadas duas situações sem causa aparente, na diáfise de perónio da sondagem 4 [5] que revelou a presença de um buraco nutritivo muito profundo, e no inion do crânio do O. 1 do ossário [11] associado ao enterramento [13] da sondagem 5.

Nesta amostra também foram registadas variabilidades anatómicas discretas e descontínuas, identificadas como presentes ou ausentes, num total de 10 casos. Ou seja, no crânio a presença de 1 sutura metópica e 1 *foramina* supraorbitais acessórios, bilateral. Na clavícula 1 caso de perfuração de nervo supraclavicular; no úmero 1 caso de presença de fossa coronóide na zona da abertura septal sem fechar; no fémur 2 casos de presença de fossa hipotrocanteriana; no talus 1 caso de superfície articular inferior talar dupla contínua e no calcâneo 3 casos de faceta anterior dupla descontínua.

Todos os casos registados são importantes. Contudo, o carácter discreto identificado no úmero é pouco comum de registo, tal como foi abordado, ou como uma ossificação incompleta que é mais comum no sexo feminino.

No campo das doenças ressaltam-se os casos obtidos na patologia oral que permitem inferir que a dieta desta amostra seria rica no consumo de glícidos, açúcares refinados e substâncias moles e pegajosas, assim como composta de substâncias duras e abrasivas, como por exemplo, os cereais e as carnes duras. Associada à dieta existe também a questão da falta de higiene que propiciam todas as questões da patologia oral.

As doenças articulares e não articulares também foram registadas. E nas primeiras os graus de labiação moderada. Neste âmbito articular existe um diagnóstico possível de inferir que é o caso da Osteoartrite (OA) como um processo neuromecânico da articulação, que registou 4 casos. As doenças não articulares, ou seja, por alteração da zona da entese identificou 15 casos com resultado moderado. Ou seja, as atividades profissionais exigiam um esforço físico moderado.

Na amostra foi ainda registada presença de possível trauma na sondagem 5 no ossário [11] existe uma sínfise púbica de coxal direito (O.70) com presença de grande depressão que altera a forma



nesta zona, e no perónio (O.115) existe a presença de depressão na diáfise. No AAO da Rua do Loureiro o enterramento revelou na clavícula direita a presença também de depressão junto à extremidade acromial.

No campo infeccioso foram identificados casos de porosidade, que para além de poderem ser processos tafonómicos também podem ser infeções. Na amostra foram registados casos no ossário [11] associado ao enterramento [13] da sondagem 5, nas diáfises dos úmeros O.75, 77 e 81, e junto ao maléolo interno das tíbias direitas, O. 108 e 109. O perónio direito O.115 apresentava porosidade na diáfise e junto à extremidade distal. Assim, pode-se inferir a presença de patologia infecciosa, ou seja, um diagnóstico diferencial hipotético de periostite tibial nas tíbias O.108 e 109 e periostite peroneal no perónio O.115.

A recolha de dados durante os trabalhos arqueológicos e antropológicos torna-se de extrema importância para uma análise e interpretação do espaço funerário e do espólio registado e recolhido. Tal como, contribuem para a constituição de inferências relativas ao estilo e forma de vida das populações. A relevância do estudo do material osteológico é concreta, no entanto estas descobertas correspondem a uma área diminuta de intervenção, não sendo representativa da população inumada. Contudo, ressalva-se ainda que, este estudo poderá contribuir para uma análise global através do cruzamento dos dados com outros estudos paleoantropológicos desta zona geográfica.

BIBLIOGRAFIA⁹

Literatura

- Correia de Azevedo. S/d. *Coimbra- Arte Monumental Portuguesa*. 1º Vol.
- Crubézy, E. 1988. *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets. Exemple d'une population médiévale: Canac (Aveyron)*. Thèse de Doctorat en Médecine. Montpellier: Université.
- Crubézy, E.; Morlock, G.; Zammit, J. 1985. Diffuse Idiopathic skeletal hyperostosis and enthesopathy in Medieval populations. *Clinical Rheumatology*. Philadelphia. 5: 2, 2-17.
- Duarte, C. 2003. Bioantropologia. In: Mateus, J. E. e Moreno-Garcia, M (eds.). *Paleocologia humana e arqueociências*. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura. Núcleo de paleobiologia Humana. Trabalhos de Arqueologia. P.263-296.
- Ferembach, D.; Schwidetzky, I.; Stloukal, M. 1980. Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9:517-549.

⁹ A bibliografia aqui apresentada refere-se à literatura utilizada, apenas neste artigo. Para um aprofundamento mais específico dos resultados sugere-se a leitura integral do relatório paleoantropológico final - Repavimentação e modernização de infraestruturas do Largo S. Salvador, Rua do Cabido e Beco das Condeixeiras (RMILSS/17), disponível na Câmara Municipal de Coimbra (DGUC) para consulta.



- Finnegan, M. 1978. Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy*.125 (1): 23-47.
- Hauser G. e De Stefano, G. F. 1989. *Epigenetic variants of the human skull*. Schweizerbart. Stuttgart.
- Hillson, S. 1996. *Dental Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hillson, S. 2000. Dental Pathology. In: Katzenberg, M.A.; Saunders, S. (eds.). *Anthropology of the Human Skeleton*. New York: Wiley-Liss, Inc., p. 249-286.
- Roberts, C. e Manchester, K. 1995. *The archaeology of disease*. 2nd Ed. Alan Sutton Publishing Limited. Cornell University Press. Ithaca, New York.
- Scheuer, L. e Black, S. 2000. *Developmental juvenile osteology*. Academic Press. London.
- Silva, A. M. 1995. Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*, 13:107-120.
- Stloukal; M. e Hanáková, H. 1978. Die Länge der Längsknochen alt slawischer Bevölkerungen unter besonderer Berücksichtigung von Wachtstumsfragen. *Homo*, 26, p. 53-69.
- Ubelaker, D. 1989. *Human skeletal remains: excavation, analyses interpretation*. 2nd Edition. Washington, Traxacum Washington.
- Wasterlain, S.N. 2000. *Morphé: Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. DAFCTUC. [Não publicado].

Legislação

- Decreto de 21 de setembro e regulamentação de 8 de outubro do mesmo ano - DIÁRIO DO GOVERNO n.º 226, 1835.
- Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136 de 23 junho 1910 com despacho de 18-02-2010 do diretor do IGESPAR, I.P. a devolver o processo à DRC do Centro, com parecer de 20-01-2010 do Conselho Consultivo a propor que seja apresentada nova proposta, e com proposta de 9-11-2009 da DRC do Centro para a ZEP dos imóveis classificados e em vias de classificação do Centro Histórico de Coimbra.
- Decreto-lei n.º 270/99 de 15 de julho, alterado pelo Decreto-lei n.º 287/2000 de 10 de novembro e posteriormente alterado pelo Decreto-lei n.º 164/2017 de 4 de novembro.
- Zona Especial de Proteção da UNIVERSIDADE DE COIMBRA – ALTA E SOFIA através do aviso n.º 14917/2013, DR, 2.ª série, n.º 236 de 05/12/2013 - inscrição na Lista do Património Mundial na 37.ª Sessão do Comité do Património Mundial da UNESCO (2013), nos termos da decisão 37COM8B.38 do Comité do Património Mundial, com base nos critérios (ii), (iv) e (vi). Anúncio n.º 175/2013, DR, 2.ª série, n.º 93, de 15/05/2013. Parecer de 23-04-2013 da SPAA do Conselho Nacional de Cultura; pelo anúncio n.º 5286/2011, DR, 2.ª série, n.º 78, de 20-04-2011; pelo despacho de abertura de 24-02-2011 do diretor do IGESPAR, I.P.; proposta de abertura de 18-02-2011 do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, por ter sido inscrito na Lista Indicativa do Património Mundial em 2004. Encontra-se ainda abrangida pelas ZEP's definidas no aviso n.º 14917/2013, DR, 2.ª série, n.º 236, de 5-12-2013 (ZEP); zona tampão aprovada na 37.ª sessão do Comité do Património Mundial da UNESCO (2013); anúncio n.º 5286/2011, DR, 2.ª série, n.º 78, de 20-04-2011 e despacho de 24-02-2011 do diretor do IGESPAR, I.P. a determinar a fixação da ZEP provisória.
- Circular n.º 1/2014 – trabalhos de antropologia biológica em contexto arqueológico. Disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_arqueologico/trabalhosdeantropologia005.pdf.

Web

- <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2161604> (acedido em 15/10/2018).



-
- https://www.google.pt/maps/@40.209372,-8.4255907,3a,75y,40.86h,101.49t/data=!3m6!1e1!3m4!1spzhPp-Sduo_LultF-QvGnw!2e0!7i13312!8i6656 (acedido em 27/11/2018).
 - http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1599 (acedido em 12/10/2018).
 - http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5683 (acedido em 12/10/2018).
 - <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70316> (acedido em 12/10/2018)
 - <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70317> (acedido em 12/10/2018).
 - <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cache/bc/c6/bcc66e96fa142ccb6ccd88b3c15e374a.jpg> (acedido em 12/10/2018)
 - <https://pesquisa.auc.uc.pt/viewer?id=35113&FileID=120740> (acedido em 29/10/2018).
 - <https://pesquisa.auc.uc.pt/viewer?id=34580&FileID=145935> (acedido em 29/10/2018).
 - <http://ww3.aeje.pt/avcultur/Secjeste/Recortes/Arquitectura/IgrejaSalvador.htm> (acedido em 07/12/2017).